

***Educação de jovens e adultos: sujeitos, saberes e práticas,***  
**de José Rubens Lima Jardimino e Regina Magna**  
**Bonifácio de Araújo**

São Paulo: Cortez, 2015.

**Celso Carvalho**

Doutor em Educação. Professor do Programa de  
 Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho.  
[cpfcarvalho@uol.com.br](mailto:cpfcarvalho@uol.com.br)

O conhecimento da realidade em processo implica desvelar a multiplicidade de situações críticas que ela manifesta e fomenta, a indistinção e a opacidade que dá a elas a perspectiva da certeza, advinda da suposição de que vivemos a impossibilidade de encontrar minimamente traços de verdade nas relações com o mundo em sua expressão fenomênica. Esse situar fenomênico implica na compreensão da práxis como síntese das múltiplas determinações. Essas definem o imprevisível e o incontrolável e também se põe como desafio ao pretensamente suposto e às práticas sociais, que produzem e fundamentam, de forma tênue e constante, o campo das incertezas.

A sedução pela incerteza e o contingente é atraente e fácil para alguns. No entanto, ela não permite o enfrentamento e a busca de caminhos, que, ao serem trilhados, materializam o mundo que produz desigualdades e exclusões. O discurso que abandona o permanente e é seduzido pelo discurso da incerteza desconhece esse mundo.

Expressão crítica e instigadora desse enfrentamento se materializa na obra *Educação de jovens e adultos: sujeitos, saberes e práticas*. O livro é mais uma publicação da coleção *Docência em Formação*, que tem como objetivo fornecer aos professores em processo de formação e aos que atuam como profissionais subsídios formativos amplos. Seus autores realizam extenso mapeamento do debate sobre educação de jovens e adultos por meio de uma exposição que procura dar conta de três dimensões desse debate: o contexto social e político no qual emerge a EJA na sociedade brasileira, a expressão da EJA no espaço acadêmico e, por fim, trata dos sujeitos da EJA.

A preocupação inicial é situar o tema em tela no contexto da formação social brasileira. Preocupação central, pois a educação de jovens e adultos revela uma condição particular no processo educacional: ela é a expressão de uma sociedade que não oferece condições de sociabilidade e formação para todos. Se falamos de EJA é porque ao longo do processo muitos são esquecidos.

O livro percorre os caminhos da EJA, mostrando as diferentes expressões e contornos dados pela especificidade histórica. Situa o debate mostrando importante presença da ação freiriana e dos diversos movimentos que inspirou, especificamente a partir da década de 1960. Das contradições e agruras de um capitalismo marcado pela modernização conservadora emergem lutas sociais e a defesa da educação como direito de todos. Ao mapear esse processo, os autores recuperam a importância do Movimento de Educação de Base e do Centro Popular de Cultura, marcantes na articulação da luta pela educação ao envolver politicamente a Igreja Católica e os estudantes que se articulavam em torno da UNE.

Na busca pela historicização, os autores apresentam a forma que a EJA assumiu no contexto político marcado pela vitória das forças conservadoras no pós-1964. O Mobral sintetizou na educação os processos de instrumentalização do saber e das práticas sociais. Sua extinção em 1985 abre caminho para que a EJA incorpore outras possibilidades de formação.

No governo de FHC é criada uma das experiências mais amplas e controversas em política educacional de jovens e adultos. O programa de Alfabetização Solidária (AlfaSol) foi uma das formas de expressão do Comunidade Solidária, concebido em 1996. A amplitude do programa derivava da intenção de atender comunidades e municípios carentes. Na década de 1990, as condições sociais e a carência eram enormes. A dimensão controversa do programa deriva de sua inserção como parte de um conjunto amplo de reformas educacionais promovidas pelo governo de FHC. No contexto de expansão da lógica neoliberal e de seus processos de regulação, o combate à fome e à miséria era questão central. Os motivos, segundo Jose Luis Coraggio, era impedir o processo de esgarçamento social e de descontrole político e, ao mesmo tempo, impor as condições para que os países da periferia do capitalismo aderissem à lógica reformista neoliberal. Essa foi a razão do surgimento do Pronasol no México em 1994. O imenso

programa de assistência social ampliada incluía programas de distribuição de renda, acesso a serviços básicos e escolarização de adultos.

Experiências como o Mova e a Ação Educativa, também discutidas no texto, priorizam e valorizam a educação de jovens e adultos. No entanto, o fazem mediada pela necessidade de que essa formação não seja meramente instrumental.

Na segunda parte do livro é apresentada a forma como a EJA tem se expressado no ambiente acadêmico. Nesse caminho percorre diferentes instâncias e eventos internacionais que têm problematizado o tema, sua importância e desafios. Importante a ser destacado é a presença da EJA em fóruns e espaços importantes para a área de educação. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pelo GT 18 da Anped tem colaborado para a problematização do tema, a disseminação de pesquisas e o encaminhamento político de ações importantes.

O texto aborda os sujeitos da EJA: o professor e o aluno jovem. Preocupação central dos autores é discutir a formação de professores para a EJA. Problematizam a questão percorrendo a obra de autores que têm se constituído em referência desse debate, como Sacristan, Contreras, Imbernón, Nóvoa, Pérez Gómez e outros. Uma das premissas do texto é a crítica à ideia do professor como técnico e das limitações impostas pela racionalidade que a acompanha. Contrapondo essa perspectiva apresentam as teses que defendem a formação do professor a partir da reflexão sobre a prática, e o professor como pesquisador do contexto da prática. A centralidade na prática não implica o abandono da formação e da teoria, mas a valorização dos saberes docentes, a relação de seus conhecimentos com sua formação e a produção de saberes que decorre dessa relação. Por fim, caracteriza os alunos da EJA, em sua maioria já inseridos no mercado de trabalho e em busca de certificação, e os desafios postos ao intenso processo de juvenilização da educação de adultos.

O enfrentamento do desafio da EJA é enorme. A ação política que desencadeia processos de inclusão não está apartada da lógica que produz a exclusão. O capitalismo e suas contradições se manifestam de forma desigual e combinada; às vezes, complementares. Examinar as contradições produzidas no contexto de uma mundialização que é somente financeira e as estratégias reformistas produzidas é condição necessária para qualquer processo de emancipação.

O enfrentamento das forças e dos processos que produzem a mercantilização da vida e das relações sociais implica desvelar o capitalismo. Implica mostrar como ideologicamente se expressa no cotidiano a aparência de um mundo marcado pela essência e pela naturalização. Um mundo que transforma a desumanização em discurso. Implica o enfrentamento das práticas sociais que naturalizam no discurso a exploração do trabalho e a permanência de um presente eterno. Da mesma forma, problematizar a EJA implica buscar nas formas de expressão fenomênica do capital as razões que o naturalizam e tornam sua essência indistinta e opaca. Como afirma Pinar (2012), implica questionar discursos que associa formação de professores com produção de professores. Exige também examinar as relações e as mediações que a educação produz, especificamente quanto se trata de escola pública.

Esse é o compromisso dos autores desse *Educação de jovens e adultos*.

## Referências

- CORAGGIO, J. L. Propostas do Banco Mundial para a Educação: sentido oculto ou problema de concepção? In: TOMMASI, L.; WARDE, M. J.; HADDAD, S. (Org.). *O Banco Mundial e as Políticas Educacionais*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 75-124.
- PINAR, W. F. A equivocada educação pública nos Estados Unidos. In: GARCIA, R. L.; MOREIRA, A. F. B. (Org.). *Currículo na contemporaneidade: incerteza e desafios*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 153-174.